

Roteiro para Herman Lima*

Isabel Lustosa

DOS JOGOS DE SOL E DE SOMBRA na dança dos coqueiros da Praia de Iracema; das jangadas embaladas pelo vento; da trama da renda de bilro; passando pelos altos e baixos da Bahia, até desembocar na livraria José Olímpio, no Rio de Janeiro, percorre-se a trilha que leva ao escritor e ao homem que foi Herman Lima. De tudo se ocupa e por tudo se interessa o homem sensível e inteligente. E só quando reunidas as tão variadas coisas que fez, resplandece a generosidade de sua contribuição definitiva para as letras e as artes brasileiras.

Herman Lima é um escritor pré modernista. Na forma de escrever, no culto às belas letras, nos objetos que exalta, até mesmo no universo de relações pessoais, reconhece-se por inteiro o típico intelectual da virada do século. Amigo de Olegário Mariano, o poeta das Cigarras, de quem fazia sempre o elogio, Herman Lima lamentava nunca ter podido escrever sua biografia crítica. Olegário, o menino da Casa Grande que, como disse num verso, tinha tudo que queria: brasão de família, baixela de prata e cavalo de sela. Olegário era quase um estandarte das maneiras de ser poeta e homem de sociedade no Rio de Janeiro do começo do século.

O belo Olegário, o elegante Olegário, o influente Olegário, o Príncipe dos Poetas, herdeiro de Bilac e de Alberto de Oliveira, por quem ainda hoje suspiram algumas senhoras, aparece nesta exposição, em todo seu esplendor, numa excelente foto que o reúne a grupo formado por Roquete Pinto, Álvaro e Herman Lima. Amizade que se prolongaria pela vida afora. Olegário foi quem deu um dos primeiros autógrafos para o álbum de autógrafos de Herman Lima.

* Publicado no catálogo da exposição "Outros céus, outros mares", comemorativa do centenário de Herman Lima, realizada na Casa de Rui Barbosa de 5 de novembro a 4 de janeiro de 1998.

Álbum que é uma verdadeira preciosidade, pois reúne autógrafos coletados por Herman Lima ao longo de muitas décadas. Teve o escritor a preocupação de fazer com que o autor produzisse, além do autógrafo, uma frase, um verso, um desenho, um trecho de algum de seus livros. Estão lá: Stefan Zweig, durante sua curta e trágica aventura no Brasil e Hermes Fontes, o poeta simbolista, de final igualmente trágico, perguntando chistoso: "Um apontamento, uma rima/ uma idéia aérea e pura/ sob a minha assinatura,/ para o álbum do Herman Lima?"

Muita gente autografou o álbum de Herman, começando por Bernard Shaw, seguido, duas páginas depois, pelo desesperado poeta José Albano que ali escreveu, em 1918, com sua letra garranchuda e nervosa o soneto que diz: "Poeta fui e do áspero destino/ senti bem cedo a mão pesada e dura/ conheci mais tristeza que ventura/ e sempre andei errante e peregrino". Brito Broca registra que seu autógrafo e o texto que o antecedeu foram escritos na Livraria S. José, numa tarde de muito humor. E todo um Rio de Janeiro e um tempo da história cultural do país emergem desta frase, das páginas amareladas do livro de autógrafos de Herman Lima.

Vista com os olhos de hoje, a caça aos autógrafos parece coisa pueril. E, no entanto, para o rapaz de letras de província e para os escritores do começo do século era um hábito da vida cultural. Tal como os cadernos das moças do século dezenove onde os poetas e os admiradores fixavam versinhos galantes, tal como as atas do Sabadoyle, são práticas de outros tempos. Práticas do tempo dos salões literários. Tempo em que se cultuava os homens de letras e os mais célebres deles eram vistos como entidades quase intocáveis. Revirando as páginas do riquíssimo livro de Herman Lima é que a gente percebe o que a memória cultural perdeu, ou deixou de conquistar com o fim do mundanismo literário.

Aventuras cercam as histórias da conquista de alguns autógrafos como o de H.G. Wells, contada por Herman em seu livro de memórias, *Poeira do tempo*. E quando, depois de ler esta crônica, a gente vê em seu álbum, alinhados na mesma página, mas separados por uma distância de dezesseis anos, os autógrafos de Sacadura Cabral, que Herman

obteve na Bahia em 1922 e de Gago Coutinho, obtido no Rio em 1931, tende-se a especular sobre que caminhos teria percorrido o escritor para chegar até eles.

O álbum tem também belos originais de Aldemir Martins, Estrigas, Caribé, De Chirico, etc.; de caricaturista, como a trinca preferida pelo escritor: J. Carlos, Kalixto e Raul. Sendo que o deste último é certamente um de seus melhores desenhos. Kalixto, na melhor tradição do começo do século, reúne texto e traço. Junta à sua própria caricatura, usando os inconfundíveis fraque e chapéu e saindo da sala, em fuga desabalada, a uma quadrinha que diz: "Aqui fica tudo junto.../ papel, tinta, lápis, pena/ A borracha, tudo. Apenas/ vou ali buscar o assunto".

Ali tem também originais de Guevara (uma belíssima caricatura de Olegário Mariano), Luís Sá, (surpreendente, com um dos seu melhores desenhos), Figueiroa, Mendez, Théo, Rian, Storni, Yantok, Augusto Rodrigues e do amigo Álvaro. Este, homenageia o escritor com uma caricatura que tem como legenda: Neste deserto de homens e de idéias, *Tigipió* é um oásis gostoso para o estrangeiro que sabe ler. Era 1932 e o artista datou: segundo ano da ditadura. Nem por isso falta no livro o autógrafo de Getúlio Vargas, um dos pouco políticos que ali figuram.

Mas o livro de autógrafos de Herman Lima é apenas um aspecto desta bela exposição que a Casa de Rui Barbosa mostra ao seu público. Aqui se podem ver originais antológicos de J. Carlos. Deles destaque aquele maravilhoso desenho de Vargas na porta do Catete atirando cascas de banana e uma das caricaturas da série que J. Carlos fez, valendo-se de colagens. Magnífico trabalho de caricaturista e artista gráfico.

É grande o número de caricaturas do escritor feitas por vários artistas. O óculos de aro pesado, o leve prognatismo, o rosto duro e marcado, são os elementos persistentes do personagem, exagerados pelas caricaturas. Delas, a melhor, a mais bem resolvida e engraçada é sem dúvida a de Carlos Estevão.

Muito do Ceará se vê nesta exposição. A terra de Herman Lima, tão presente em três de seus livros: *Tigipió*, *Imagens do Ceará* e *Poeira do tempo*, se apresenta nas belas

fotos que o próprio escritor gostava de fazer. A paixão pelo Ceará se manteria à distância, como quase sempre acontece com o cearense que emigra: vai embora, logo se adapta, aprende as manhas do novo lugar, mas nunca perde o jeito de ser cearense. Uma referência teimosa que, por mais que o sujeito inicialmente se distancie, acaba retornando. Era sentado na sua rede que o escritor recebia de quando em vez as visitas. E muitas são em seus álbuns as fotografias em que conversam, embalados em redes que enfeitam arejados alpendres de boas casas de Fortaleza, o escritor e seus amigos.

Em uma das fotos tiradas em Fortaleza, Herman Lima está sentado no degrau de uma casa ao lado de Moreira Campos. Moreira Campos é um homem ainda jovem, já casado, como sempre muito magro, delicado, tímido, doce, como um passarinho. Daquela doçura que acompanhou até à morte o maior contista cearense. Também em outro grupo, quem é do Ceará, reconhece logo a figura simpática do pintor Estrigas, junto com o livreiro Luís Maia (que lá de Fortaleza manteve uma longa correspondência com Mário de Andrade), do escritor Raimundo Girão Barroso e do visitante ilustre Herman Lima. Amizades do meio artístico e literário da capital cearense que Herman Lima freqüentava desde os tempos de Antônio Sales e Gustavo Barroso. Desde os tempos em que, no Café Riche, na Praça do Ferreira, podia-se ver a figura imponente do já louco poeta José Albano, às vésperas de partir definitivamente para a Europa.

O escritor comparece nesta exposição também com seus livros. O primeiro, *Tigipió*, lançado em 1924, mereceu o prêmio da Academia Brasileira de Letras do ano seguinte e selou a ligação do escritor com o mundo cultural do Rio de Janeiro. Transformou-se, por artes do cineasta cearense Pedro Jorge, em 1982, em um excelente filme que manteve o mesmo nome do livro.

Em *Tigipió*, como bem o percebeu M. de Cavalcanti Proença, o que predomina é o regionalismo anterior e diverso do que se consagrará depois da Semana de Arte Moderna. Esta diferença é evidenciada nas construções quase parnasianas, aqui e acolá quebradas por uma legítima manifestação do linguajar local. Mas, os contos de

Tigipió estão também prenhes daquele erotismo cru, da corrupção quase primitiva dos instintos que marca o naturalismo. A mistura de amor, sedução e sexo, que provoca quase sempre o desfecho trágico. Tipo de naturalismo do qual, dentre os escritores nascidos no Ceará, Adolfo Caminha foi a mais significativa expressão.

Quando lançou *Tigipió*, Herman Lima, que nascera em Fortaleza em 11 de maio de 1897, estava na Bahia, onde fora estudar Medicina. Demoraria ainda até 1931, para chegar ao Rio de Janeiro, de que sempre viveram enamorados os jovens literatos de província. Durante aquele tempo, publicaria ainda dois livros: *A Mãe d'água* (1926), cuja belíssima ilustração de capa é de J. Carlos e *Literatura do Norte*. Herman Lima viveu durante um ano, logo depois de sua formatura em 1928, em Lençóis, cidade da região das então chamadas Lavras Diamantinas, no interior da Bahia, onde ficou fascinado pela vida dos garimpeiros. Aquele experiência o inspirou a escrever o romance *Garimpos*, publicado em 1932, quando o escritor já vivia no Rio.

Mistura de funcionário público e homem de letras, a roubar das poucas horas de lazer que lhe sobravam, tempo para a faina do escrever, Herman Lima dividiu a vida profissional entre duas mesas de trabalho: a do burocrata do Ministério da Fazenda e a do escritor. Esta, em sua casa na Rua Peri, no aprazível bairro da Gávea, onde criaram-se seus cinco filhos. Esteve, a serviço do ministério, por quatro anos em Londres, quando familiarizou-se com a caricatura européia. Publicou, na volta, dois livros. Um que traduzia suas impressões da Inglaterra, *Na ilha de John Bull* (1941) e outro, sobre os demais países da Europa que conheceu: *Outros céus, outros mares* (1942).

De 1943 a 1963, Herman Lima esteve envolvido com o grande projeto de sua vida: a *História da Caricatura no Brasil*. Tanto tempo para escrever um livro... Herman escreveu-o quase todo nas horas que lhe sobravam, depois do cumprimento das rotineiras obrigações a que lhe obrigava o emprego no Ministério da Fazenda. Apenas por dois anos, esteve cedido à Biblioteca Nacional para dedicar-se exclusivamente à sua pesquisa. Teve também, durante os dois primeiros anos de trabalho, o apoio do editor José Olímpio que o estimulava a empreender a jornada, propondo-se a lhe pagar

vinte mil réis por mês durante dois anos. A empreitada saiu maior do que autor e editor tinham inicialmente imaginado.

Os quatro volumes da *História da caricatura no Brasil* foram escritos por um homem sozinho, sem estagiários, sem equipe, em trabalho obsessivo de fanático, a arruinar a vista na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional. A vista que já quase não lhe valia, quando afinal morreu em 21 de junho de 1981. Ao longo daqueles vinte anos, Herman Lima publicou alguns trabalhos avulsos que, depois, acabariam por se incorporar ao grande livro. Não se incluem neste caso os hoje raríssimos álbuns também publicados naquela fase: Rui e a Caricatura (1949), J. Carlos (1950) e Álvaro e seus bonecos (1954); nem as crônicas reunidas no Roteiro da Bahia (1953) e nem seu trabalho de crítica literária.

As maiores qualidades da *História da Caricatura no Brasil* estão no longo e profundo levantamento da caricatura do século dezanove e do começo deste. Talvez Herman Lima devesse ter se limitado ao que inicialmente se propusera: cobrir o primeiro século de história da nossa caricatura, de 1837 a 1937. No entanto, esta opção significaria deixar de fora parte importante da obra de seu caricaturista preferido, J. Carlos e de muitos caricaturistas que o autor começava a conhecer e a apreciar, como: Nássara, Augusto Rodrigues, Carlos Estevão. Significaria sacrificar a inclusão de todo o ciclo da caricatura brasileira que contemplou o governo Vargas, após o golpe do Estado Novo e a Segunda Grande Guerra. E, por conta do enorme período que abrange, o livro peca por omissão. Nem por isso se pode recusar à *História da caricatura no Brasil* os títulos que, pelos seus méritos, lhe pertencem.

Em que pesem suas imperfeições, a *História da caricatura no Brasil* é o mais abrangente painel da história da nossa imprensa de humor que se conhece. A *História da caricatura no Brasil* é também a maior contribuição para a história da imprensa brasileira já empreendida por um escritor. Obra de referência obrigatória para os que estudam a vida cultural brasileira, o livro que os especialistas procuram e já não encontram, está por merecer uma nova edição.